

JOHN LOCKE
ALGUNS PENSAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO

Tradução, apresentação e notas:
Avelino da Rosa Oliveira
Gomercindo Ghiggi

(§§ 31-42)

§.31. Havendo sido tomados os cuidados adequados para manter o corpo forte e vigoroso, de tal forma que possa ser capaz de obedecer e executar as ordens da *mente*, a tarefa seguinte e mais importante é dispor a *mente* corretamente, de modo que em todas as ocasiões ela seja inclinada a não consentir senão com o que seja adequado à dignidade e excelência de uma criatura racional.

§.32. Se o que eu disse no início deste discurso for verdadeiro, como não duvido que seja, a saber: que a diferença encontrada nas maneiras e habilidades dos homens é devida mais a sua *educação* do que a qualquer outra coisa, temos razões para concluir que há de ser tomado muito cuidado em formar as *mentes* das crianças e dar-lhes cedo aquele tempero que influenciará toda a sua vida posterior. Pois que quando eles fizerem o bem ou mal, o mérito ou a culpa será lá assentada; e quando qualquer coisa for feita imprópriamente, aplicar-se-lhes-á o dito comum de que tal é devido a sua *criação*.

§.33. Assim como a fortaleza do corpo repousa principalmente sobre o ser capaz de suportar privações, o mesmo ocorre com a da mente. O grande princípio e fundamento de toda a virtude e valor está colocado nisto: que um homem seja capaz de *negar a si mesmo* seus próprios desejos,

contrariar suas próprias inclinações, e seguir puramente o que a razão indica como melhor, embora o apetite incline-se em outra direção.

§.34. O grande erro que observei na criação que as pessoas dão a seus filhos é que isto não é suficientemente cuidado ao *tempo adequado*; a mente não foi tornada obediente à disciplina e maleável à razão quando cedo ela era mais branda, mais fácil de ser submetida. Os pais, sendo pela natureza sabiamente consagrados (ordain'd) ao amor dos seus filhos, são bastante inclinados, se a razão não cuidar daquela afeição natural muito cautelosamente, são inclinados, repito, a deixá-la transformar-se em carícias. Eles amam seus pequenos, e isto é sua obrigação; mas seguidamente regozijam-se, junto com a pessoa deles, também com suas faltas. Eles não podem ser obstruídos, dizem. Deve-se-lhe permitir que façam suas vontades em todas as coisas; e não sendo capazes de grandes vícios na infância, os pais pensam que podem, com suficiente segurança, condescender com suas pequenas irregularidades, e fazerem eles próprios gracejos com esta bela perversidade, a qual lhes parece conveniente a esta idade inocente. Mas a um pai carinhoso, que não teria corrigido o filho por uma travessura perversa, mas o desculpado, dizendo: “É coisa pequena”, *Solon*, muito bem respondeu: “Sim, mas o costume é uma grande coisa”.

§.35. O mimalho deve ser ensinado a bater e dizer nomes; deve ter tudo quanto exige aos gritos, e fazer o que lhe apraz. Assim, os pais, pelo consentimento e mimos quando ele são *pequenos*, corrompem os princípios da Natureza em seus filhos, e espantam-se mais tarde por provar as águas amargas, quando eles próprios envenenarem a fonte. Com efeito, quando os filhos estão crescidos, e com eles estes maus hábitos, quando já são grandes demais para serem acariciados, e seus pais não podem mais usá-los como brincadeiras, então queixam-se de que os moleques estão teimosos e perversos; ficam ofendidos de vê-los manhosos, e têm problemas com aquelas inclinações molestas (ill Humours) que eles próprios infundiram e fomentarem nas crianças; e então, talvez tarde demais, ficariam felizes de arrancar aquelas ervas daninhas que suas próprias mãos plantaram, e que agora lançaram raízes por demais profundas para serem facilmente extirpadas. Com efeito, se foi acostumado a ter suas vontades em todas as coisas, desde que estava nos cueiros (in Coats), por que devemos achar estranho que deseje, e até contenda por elas, quando está de bermudas (in Breeches)? Na verdade, à medida que ele cresce e se vai tornando um homem, a idade evidencia mais seus defeitos, de forma que, então, há poucos pais tão cegos a ponto de não vê-los, poucos tão insensíveis, a ponto de não sentir os efeitos molestos de sua própria indulgência. Ele dispôs das vontades de sua governanta antes que pudesse falar ou andar; dispôs sempre do governo de seus pais, desde que pode balbuciar; e por que, agora que

está crescido, é mais forte e mais sábio do que então, por que agora, repentinamente, ele tem que ser restringido e refreado? Por que ele tem que perder, aos sete, quatorze, ou vinte anos de idade, o privilégio que a indulgência dos pais, até então, lhe permitia tão amplamente? Experimente com um cachorro ou com um cavalo, ou com qualquer outra criatura, e veja se os vícios molestos e pertinazes que eles tenham aprendido quando jovens são facilmente concertados depois; ainda que qualquer dessas criaturas não seja sequer de longe tão deliberada e orgulhosa, ou tão desejosa de ser senhora de si própria e de outros quanto o homem.

§.36. Geralmente, somos bastante sensatos para começar quando são *bem jovens*, e disciplinar *cedo* aquelas outras criaturas, tornando-as úteis e boas para alguma coisa. É apenas com nossa própria prole que negligenciamos neste ponto; e tendo-as tornado crianças más, tolamente esperamos que sejam bons homens. Pois se a criança tem que ter uvas ou ameixas cristalizadas (Sugar-plumbs) quando estes são seu desejo, ao invés de fazer o pobre bebê chorar ou zangar-se, por que, quando estiver crescido, não deverá também ser satisfeito, se os seus desejos conduzirem-no ao vinho ou às mulheres? Estes são objetos tão adequados à ânsia de alguém de mais idade, quanto aqueles que ele exigia aos gritos quando pequeno o eram às inclinações de uma criança. O mal não é ter desejos compatíveis com as apreensões e o deleite próprios das diferentes idades, mas não sujeitá-los às regras e restrições da razão. A diferença não está em ter ou não apetites, mas no poder de governar a si próprio, e negá-los a nós mesmos. Aquele que não é acostumado a submeter seu desejo à razão de outrem, *quando jovem*, dificilmente ouvirá ou submeter-se-á a sua própria razão, quando estiver em idade de fazer uso dela; e é fácil antever o tipo de homem que alguém assim há de se tornar.

§.37. Estes são lapsos usualmente cometidos por aqueles que parecem tomar o maior cuidado na educação de seus filhos. Mas se atentarmos ao trato comum das crianças, teremos razão para imaginar que na grande devassidão de costumes de que o mundo padece não há quaisquer pegadas de virtude deixadas. Quisera que fosse nomeado algum defeito ao qual os pais, e aqueles que cercam as crianças, não os tenham acostumado, e cujas sementes não tenham sido nelas depositadas tão logo tornaram-se capazes de recebê-las. Não quero dizer pelos exemplos que dão, e pelos padrões que estabelecem ante eles, o que é encorajamento suficiente; mas o que desejo observar aqui, é o manifesto ensinar-lhes o vício, e o real colocar-lhes fora da senda da virtude. Antes que possam andar, os principiam na violência, vingança e crueldade. *Dê-me uma bofetada e bater-lhe-ei* é uma lição que a maioria das crianças ouve todos os dias; e pensa-se que nada significa, porque suas mãos não têm força para fazer

qualquer dano. Mas, pergunto, isto não corrompe suas mentes? Não é esta a senda da força e da violência na qual são introduzidos? E se eles foram ensinados, quando pequenos, a brigar e ferir outrem por procuração, e encorajados a regozijar-ser no mal que lhes inculcaram, e ver sofrer; não estão preparados para fazer o mesmo quando forem suficientemente fortes para que seus golpes sejam sentidos, e puderem agredir por alguma razão?

As coberturas de nossos corpos, que são para o recato, agasalho e defesa, pelo disparate ou vício dos pais, são recomendadas aos filhos para outros usos. Elas são tornadas objeto de vaidade e concorrência. Inspira-se na criança aspiração pela roupa nova, por sua beleza; e quando a pequena menina está enfeitada com sua nova bata e chapéu, como pode a mãe fazer menos do que ensiná-la a admirar a si própria, chamando-a de *sua pequena rainha* e *sua princesa*? Assim, as crianças são ensinadas a ficarem *orgulhosas* de suas roupas, antes que possam vesti-las. E por que eles não deveriam continuar a avaliar a si próprios por esta elegância exterior, do alfaiate ou da costureira, quando seus pais tão cedo os instruíram e assim proceder?

Mentiras e enganos, e desculpas pouco diferentes de mentiras, são colocadas na boca dos jovens, e recomendadas a aprendizes e crianças, enquanto forem vantajosas a seus preceptores ou pais. E será possível pensar que aquele que vê o esforço pela verdade dispensado e desencorajado, enquanto for para proveito de seu devoto senhor, não fará uso daquele privilégio para si mesmo, quando for em seu próprio benefício?

Aqueles de tipo inferior são impedidos, pela força de seus destinos, de encorajar a *intemperança* em seus filhos, pela tentação de suas dietas ou pelo convite a comer ou beber mais do que o suficiente; mas seus próprios maus exemplos, sempre que a fartura lhes encontra, mostra que não é a aversão pela beberagem e comilança que os mantém afastados do excesso, mas a carência de recursos. Mas se olharmos para a casa daqueles que são um pouco mais favorecidos pelo destino, aí o comer e o beber são a tal ponto transformados na grande ocupação e felicidade da vida que se considera negligência para com os filhos se não tiverem sua parte nisto. Molhos e iguarias, e alimentos mascarados por todas as artes da culinária, devem tentar-lhes o paladar, quando suas barrigas estão cheias; e então, por medo de que o estômago seja sobrecarregado, é encontrado pretexto para outro copo de vinho a fim de ajudar a digestão, embora isto sirva apenas para aumentar a indigestão.

Se meu jovem senhor está ligeiramente indisposto, a primeira questão é *O que o meu querido vai comer? O que lhe posso dar?* São imediatamente pressionados a comer e beber; e a inventividade de todos é colocada em ação para descobrir alguma coisa suficientemente apetitosa e

fina, capaz de prevalecer sobre aquela falta de apetite que a natureza sabiamente ordenou no início das indisposições, como uma defesa contra seu crescimento; pois sendo liberta do trabalho ordinário de digerir qualquer nova carga no estômago, ela pode ter descanso para corrigir e dominar os humores pecaminosos.¹

Mesmo onde as crianças são bastante felizes de ter o cuidado de pais que, que por sua prudência, os afastam dos excessos da mesa e os submetem à sobriedade de uma dieta simples e comum, raramente elas são preservadas do contágio que lhes envenena a mente. Embora, através de um tratamento sóbrio enquanto estão sob tutela, sua saúde possa talvez ser bastante bem assegurada, ainda assim seus desejos deverão render-se às lições do epicurismo que em todos os lugares lhes serão dadas a esse respeito: o louvor que em todos os lugares recebe o *bem comer* não pode deixar de ser um incentivo bem sucedido ao apetite natural, e levá-las rapidamente ao apreço e aos dispêndios de uma mesa requintada. Isto recebe de todos, mesmo dos que reprovam os vícios, o título de *bem viver*. E o que ousará a razão rabugenta dizer contra o testemunho público? Ou poderá ela esperar ser ouvida se chamar *luxúria* a isto que é tão amplamente reconhecido, e universalmente praticado por aqueles da melhor qualidade?

Isto atualmente é um vício tão crescido, e tem bases tão grandes, que não sei se não é reconhecido pelo nome de virtude; e se não será julgado disparate, ou falta de conhecimento do mundo, alguém abrir a boca contra tal. E, na verdade, deveria suspeitar que o que disse aqui sobre isto poderia ser censurado como uma pequena sátira, fora do meu propósito, não o houvesse mencionado tendo em vista despertar o cuidado e a atenção dos pais com relação à educação dos filhos, fazendo-os ver que estão cercados por todos os lados, não apenas por tentações, mas por instrutores do vício, e isto talvez naqueles que eles pensavam ser redutos de segurança.

Não mais me deterei neste assunto; muito menos discorrerei sobre todas as particularidades que mostrariam se há um só sofrimento que costume corromper as crianças e instilar-lhes princípios de vício. Desejo, porém, que os pais considerem seriamente se há qualquer irregularidade ou vício que não tenha sido visivelmente ensinado às crianças; e se não é dever deles, e sabedoria, prover-lhes outras instruções.

§.38. A mim parece claro que o princípio de toda virtude e excelência repousa no poder de negar a nós mesmos a satisfação de nossos próprios desejos, onde a razão não os autoriza. Esta força há que ser adquirida e melhorada pelo costume e tornada natural e familiar por uma prática *precoce*. Se me fosse dado, portanto, ser ouvido, aconselharia que,

¹ *Peccant humours* - expressão bastante comum entre os fisiologistas antigos, empregada para designar os humores (fluidos corporais) nocivos à saúde do corpo. (N. T.)

contrariamente ao caminho ordinário, as crianças devem ser acostumadas a submeter seus desejos e ficar sem suas vontades, *desde o berço*. A primeira coisa que devem aprender a saber deve ser que, se elas têm algo, não é porque isto lhes agrada, mas porque foi julgado adequado para elas. Se lhes fossem dadas as coisas adequadas a seus desejos, de forma que elas nunca alcançassem algo pedido aos gritos, aprenderiam a contentar-se sem isto; jamais, com berros e impertinência, discutiriam por domínio; nem seriam metade tão incômodos para si próprios e para os outros como, por não terem sido tratados deste modo *desde o começo*, o são. Se elas jamais houvessem obtido seus desejos pela impaciência que expressam por eles, não clamariam por outras coisas mais do que pela clamar pela lua.²

§.39. Não digo isto como se para as crianças não devesse haver qualquer indulgência, ou como se esperasse que elas, de mangas caídas³, tivessem a razão e a conduta de conselheiros. Considero-as como crianças que devem ser delicadamente tratadas, que devem brincar e ter brinquedos. O que quero dizer é que sempre que elas ambicionarem algo que não lhes seja adequado ter ou fazer, tal não lhes deve ser permitido apenas porque são *pequenas* e o desejaram. Não! Tudo pelo que elas molestarem deverão ter certeza de que, exatamente por esta razão, ser-lhes-á negado. Vi crianças à mesa as quais, de tudo que lá estivesse, jamais pediam qualquer coisa, mas conformavam-se em ter o que lhes fosse dado; e, em outros lugares, vi outras clamarem por tudo que viam, terem que ser servidas de todos os pratos e, também, em primeiro lugar. O que fazia esta vasta diferença, senão isto: que uma foi acostumada a ter tudo quanto pedia ou pelo que clamava; a outra a ficar sem? Julgo que quanto *mais jovens* são, menos se deve transigir para com seus apetites desregrados e desordenados; e quanto menos tenham razão própria, mais há que estarem sob o poder absoluto e a restrição daqueles em cujas mãos estão. A partir disto, confesso, segue-se que ninguém, senão pessoas moderadas devem roseá-las. Se o mundo age de outra forma, nisto não posso ajudar. Estou dizendo o que penso que deva ser feito; e se tal já fosse costumeiro, não seria necessário que molestasse o mundo com um discurso sobre este assunto. Não duvido, porém, que se isto fosse tomado em consideração, haveria outros com a mesma opinião minha, que quanto *mais cedo* este caminho for começado com os filhos, mais fácil será para eles e também para seus tutores; e que isto deve ser observado como uma máxima inviolável: que qualquer coisa que lhes seja uma vez

² *Cry for the moon* - antiga expressão com sentido de “desejar o impossível”. (N. T.)

³ *Hanging-sleeves* - expressão arcaica que se refere à incapacidade das crianças de dobrar as mangas da própria roupa; tem o sentido figurado de “contar com ou depender do suporte de outro”. No contexto em que é usada aqui, refere-se à idade em que a criança não tem exercício pleno da razão, é dependente e precisa contar com o suporte dos adultos. (N. T.)

negada, estejam eles certos de que não a obterão por gritos e impertinências, a menos que alguém tenha idéia de ensiná-los a serem impacientes e incômodos, recompensando-os por isto quando agem assim.

§.40. Aqueles, portanto, que pretendem governar seus filhos, devem começá-lo enquanto são *bem pequenos*; e atentar a que obedçam perfeitamente aos desejos dos pais. Gostarias que teu filho te fosse obediente, passada a idade de criança? Certifica-te, então, de estabelecer a autoridade de um pai, *logo* que ele seja capaz de submissão e possa entender sob poder de quem ele está. Se queres que ele se poste em temor a ti, imprime-lhe tal *na infância*; e, conforme ele se aproxime mais de ser homem, admite-o mais perto de tua familiaridade. Assim, te-lo-ás obediente a ti (como é adequado), enquanto ele for uma criança, e teu amigo dedicado quando for um homem. Pois, na minha opinião, os pais invertem gravemente a conduta que devem ter em relação aos filhos, sendo indulgentes e familiares quando estes são pequenos, porém severos e distantes quando já são crescidos. Porque a liberdade e a indulgência não podem fazer qualquer bem às *crianças*; sua falta de juízo os faz necessitados de restrição e disciplina; e, ao contrário, a imperiosidade e a severidade são tão-somente um caminho molesto de tratar os homens, os quais têm razão própria a guiá-los; a menos que tenhais idéia de tornar vossos filhos, quando crescidos, fartos de vós, e que secretamente digam dentro de si próprios: *Quando morrerás, pai?*

§.41. Imagino que todos julgarão razoável que os filhos, quando pequenos, devam ver seus pais como seus senhores, seus governantes absolutos e, como tal, temê-los. E que, quando lhes vêm os anos mais maduros, devem vê-los como seus melhores, como seus únicos amigos seguros e, como tal, amá-los e reverenciá-los. O caminho que mencionei, se não estou enganado, é o único para obter isto. Temos que considerar nossos filhos, quando crescidos, como a nós mesmos, com as mesmas paixões, os mesmos desejos. Queremos ser considerados criaturas racionais e ter nossa liberdade; não gostamos de ser incomodados, estar sob constantes castigos e intimidações; nem podemos suportar humores severos, e grande distância daqueles com quem conversamos. Quem quer que, quando homem, tenha tal tratamento, procurará por outras companhias, outras conversas, outros amigos com os quais possa estar à vontade. Portanto, se um pulso firme for mantido sobre os filhos *desde o começo*, quando aquela idade chegar, serão maleáveis e submeter-se-ão mansamente, pois nunca terão conhecido qualquer outro tratamento; e se, à medida em que crescem rumo ao uso da razão, o rigor da autoridade for, como eles o merecem, sensivelmente relaxado, a testa do pai mais desfranzida para ele, e a distância, por etapas, diminuída, suas restrições anteriores aumentarão o amor dos filhos, quando

estes descobrirem que eram apenas benevolências para com eles, e um cuidado para torná-los capazes de merecer o favor dos pais e a estima de todas as outras pessoas.

§.42. Tais são as regras gerais para o estabelecimento de vossa autoridade sobre os filhos: a reverência e o temor vos devem conferir o primeiro poder sobre suas mentes, e o amor e a amizade, nos anos mais maduros, devem mantê-lo. Pois que há de vir o tempo em que o látego e a correção terão passado; e então, se o amor por vós não os fizer obedientes e dóceis, se o amor da virtude e da reputação não os mantiver em caminhos louváveis, pergunto: que custódia tereis sobre eles, a fim de conduzi-los a isto? Na verdade, o medo de ter uma parca porção, se vos desgostarem, pode fazê-los escravos de vossos haveres, mas jamais eles serão menos molestos e perversos, secretamente; e aquela restrição não perdurará para sempre. Todo homem tem que, em algum tempo, ser confiado a si mesmo, e à sua própria conduta; e o homem que é bom, virtuoso e capaz, tem que ser feito tal interiormente. E, portanto, o que ele há de receber da educação, o que há de direcionar e influenciar sua vida, tem que ser algo posto dentro dele bem cedo: os hábitos tecidos como verdadeiros princípios de sua natureza, e não modos falsificados e exterior dissimulado, imposto pelo medo, apenas para evitar a brabeza presente de um pai que talvez possa deserdá-lo.